

Americanismo e fordismo em tempos modernos.

Lilian Victorino F. de Lima¹

Resumo

Este artigo apresenta alguns nexos entre a obra cinematográfica de Charles Chaplin, *Tempos Modernos* (USA, 1936) e a acurada análise do filósofo da práxis Antonio Gramsci sobre o tema Americanismo e Fordismo (cadernos do cárcere nº22). Contemporâneos, os autores vivenciaram momentos de grande transformação na produção capitalista e as conseqüências dela resultantes.

Palavras-chave: cinema, americanismo e fordismo.

Introdução

Uma das características dos filmes de Chaplin é a forma clara e direta como ele busca transmitir sua mensagem. Em *Tempos Modernos* seu último filme mudo produzido nos anos 30, logo de início a película avisa tratar-se de um filme sobre “a indústria, a iniciativa privada, a humanidade e a busca pela felicidade”. É o drama da produção fordista que aparece na tela nos mostrando homens como ovelhas destinadas a servirem seu senhor, muito embora uma ovelha negra destoe do rebanho, sinal de que uma saída é possível.

Apesar do som já ser utilizado nos filmes da época, Chaplin preferiu fazer um filme mudo, excetuando as cenas em que Carlitos, tentando fixar emprego num bar, finge cantar uma canção cuja letra esquecera.

Neste mesmo período Gramsci já se encontrava preso devido a importância de sua atuação política e seus ideais socialistas estarem na contramão da ideologia fascista que se fortalecia na Itália. Perseguido

¹ Mestranda na FFC/UNESP – Câmpus de Marília, pesquisa o pensamento social no cinema e é membro do Grupo de Estudos de Cinema e Literatura da FFC/UNESP. Bolsista FAPESP.

por Mussolini, Gramsci ficou encarcerado de 1926 até 1937, período no qual foram escritos em pequenos papéis os atuais *Cadernos do Cárcere*, obra de inestimável valor para os que procuram ir além do campo das idéias e atuarem em busca da hegemonia, conceito fundamental na análise gramsciana.

Com seus filmes Chaplin buscava poder e prestígio, mas *Tempos Modernos* foi proibido na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini e também foi boicotado pelo “macartismo” nos EUA. Longe de ser um revolucionário segundo os ideais marxistas, o criador e protagonista do personagem Carlitos pode ser lido aqui mais como um sujeito que sonha se ajustar ao mundo do capital do que como um líder comunista que, sem querer, segura uma bandeira vermelha na dianteira de um movimento grevista como nos foi transmitido numa cena do filme.

Sua oposição irrefletida aos ditames do mundo capitalista é sintomática, mas não possui o poder organizativo dos “conselhos de fábrica” vividos por Gramsci de 1919-20. Neste contexto de mudanças na produção capitalista, o exemplo americano era relevante para todo o mundo e por isso ganhou atenção de Gramsci que conseguia, a despeito de seu drama pessoal, captar o movimento dialético da realidade.

Cenas do “vagabundo” Carlitos com a moça andrajosa na loja de departamentos ou na calçada da família “ajustada” ao sistema nos indicam que o sonho de Chaplin é um sonho pequeno burguês, visto que, apesar das cenas de miséria, humor, ironia, fome e desespero, o que o personagem busca é ter acesso aos bens oferecidos a poucos pelo novo processo de racionalização do trabalho. Chaplin denuncia, mas não enxerga saídas para esse processo.

Gramsci analisa as transformações ocorridas nesse processo histórico e entende que apesar das inovações tecnológicas permitirem um aumento exponencial da produtividade do trabalho também é responsável pela exclusão de milhares de trabalhadores da produção formando um contingente de reserva que até os dias de hoje jamais será “incluído” no sistema capitalista, outro fator importante para se buscar uma ruptura com esse processo ou, nas palavras de Del Roio (2003), buscar “uma

nova cultura capaz de impulsionar e dar conteúdo à elaboração de um projeto autônomo”. Daí a atualidade da denúncia de Chaplin e da filosofia da práxis de Gramsci; pois como salienta Jameson (1997) algumas pessoas são capazes de olhar as sementes do tempo e dizer qual grão crescerá e qual não.

Acreditamos que a junção deste filme com a análise gramsciana pode ser um instrumento que, levado à sala de aula, possa contribuir para desalienação de muitas pessoas que atualmente vivenciam o aprofundamento do fosso de contradições deste sistema predador.

Hegemonia

O conceito de hegemonia é uma ação teórico-prática ao colocar a política em todos os campos (totalidade) na infra e superestrutura. A ciência política não é um elemento da superestrutura e sim da totalidade, conseqüentemente a sociedade civil não possui distinção orgânica entre suas esferas (distinção apenas metodológica).

Numa cena do filme *Tempos Modernos* um grupo de trabalhadores caminha pelas ruas num movimento grevista e Chaplin sem querer apanha do chão uma bandeira vermelha na frente do movimento sendo confundido por policiais como um líder grevista; em seguida é preso o que na sua condição de mendicante é sinal de alívio, pois terá lugar para ficar e alimentação.

Nesse sentido, podemos pensar na fragilidade do movimento grevista em *Tempos Modernos*, pois o sindicato corporativista defende a classe operária apenas em termos econômicos; e a questão dos camponeses não está posta no filme, embora, segundo Gramsci, seja indispensável uma aliança entre campo e cidade para a formação de uma nova hegemonia.

Guido Liguori pontua que ao falar em hegemonia, Gramsci se refere também ao Estado como “Estado integral”, pois entende que este é formado pelo “aparelho governativo, o aparelho ‘privado’ de hegemonia ou sociedade civil” (LIGUORI, 2002, p. 10). Assim, Gramsci pensa o

Estado enquanto lugar de hegemonia de uma classe, e seu posicionamento político como intelectual orgânico se situa ao lado da classe operária ou grupo subordinado “até certo ponto” aos interesses do capital.

Como coloca Del Roio (2005), para Gramsci é a sociedade civil que organiza a hegemonia operária em oposição antagônica ao Estado do capital, dando origem a um novo Estado. Nesse sentido há potencialidades nos conselhos de fábrica, que seriam aplicáveis à fábrica de Chaplin se não num momento inicial o seriam posteriormente com o fortalecimento da classe operária norte-americana. Visto que,

Para Gramsci, o conselho de fábrica é o embrião da nova ordem social, mas sua expansão política exige uma radical reforma do sindicato (e do partido). É preciso que os sindicatos deixem de ser apenas uma instituição social da democracia burguesa e que “surjam do próprio lugar da produção, com raízes capilares, para ser a expressão máxima e espontânea dos trabalhadores” (Gramsci apud Siriano, 1971, p147). A reflexão de Gramsci parte do processo produtivo como campo da ação política, parte dos fundamentos da produção capitalista tendo em vista a dissolução do poder do capital por meio do controle operário (DEL ROIO, 2005, p.43).

Em Tempos Modernos o sindicato corporativo busca reformas que são importantes como, por exemplo, menos exploração, melhores salários, liberdade, fraternidade, (lemas da revolução francesa), mas não buscam romper com a ordem do capital, buscam “domar” sua expansão e conseqüente exploração e não logrando êxito voltam-se para o passado e pregam “na vida simples” uma alternativa ilusória para essas transformações. E aqui fica outra lição de Gramsci; se não há uma natureza humana fixa, estável ou metafísica por ser historicamente constituída, não há como voltar ao passado em meio a tantas transformações na produção material da vida. Antes é necessário se posicionar como sujeito histórico e promover o gerenciamento coletivo

da produção pela classe que detém a força da produção, ou seja, a classe operária aliada aos camponeses e aos intelectuais orgânicos advindos da classe operária.

Na medida em que Gramsci viu progresso na organização fabril ele entende que os conselhos de fábrica seriam importantes para a formação de fábricas sem patrão, pois estas seriam tomadas por proletários que dirigiriam a produção. Visto que são as novas formas de acumulação que intermediam as relações sociais e por sua vez atuam na manutenção da hegemonia da classe dirigente sobre as classes subalternas

Para isto também é preciso criar um operário mais culto, muito diferente do capataz que nos é mostrado em tempos modernos. Ali o operador das máquinas é um sujeito forte, alto, que trabalha sem camisa para que nada o atrapalhe na operação de alavancas que controlam a velocidade da esteira fordista. Esse “gorila domesticado” não discute apenas obedece as ordens do patrão e por sua vez reproduz uma postura individualista em relação aos que deveriam ser seus “companheiros” de fábrica, isto é ele não tem a menor “consciência de classe”. Um operário mais ciente de sua posição como sujeito da história, possuidor de uma cultura humanística aliada a uma cultura técnica teria condições de experimentar sua própria autonomia. Daí a importância crucial da educação segundo Gramsci.

Em seus trabalhos Gramsci escreve sobre as dificuldades que enfrentam as sociedades avançadas nas quais as classes governantes exercem não só o poder intelectual e político, mas também detêm a hegemonia intelectual e cultural aprofundando ainda mais o fosso que separa a classe dominante da classe subalterna. Isso porque a escola tradicional sendo oligárquica visa à educação da classe dirigente e sua descendência, enquanto que se espalham outras escolas que atuam de acordo com diferentes grupos sociais, reproduzindo e mantendo a situação vigente. Desta forma perpetuam-se as diferenças entre os grupos, uns com acesso ao conjunto do conhecimento numa concepção clássica de educação humanista e outros que necessitam de trabalhar,

como por exemplo, os operários da fábrica fordista de Chaplin, mal podem frequentar a escola profissionalizante, outra forma de educação criticada por Gramsci.

Gramsci critica o conhecimento técnico – extremamente especializado- que conforma os homens ao sistema capitalista e perpetuam as relações de exploração.

Filosofia da Práxis versus Romantismo Imagético.

Na figura de um herói tragicômico, Chaplin retrata em *Tempos Modernos* a depressão político-econômica nos Estados Unidos dos anos 30. Esse período que durou de 1929 até 1941 foi responsável nos Estados Unidos por desemprego massivo, queda acentuada do produto interno bruto, declínio da produção industrial, marginalização de trabalhadores e crescente e aumento do poder policial em favor da classe burguesa.

O fordismo é parte de um período cuja base do moderno industrialismo se consolidava e a necessidade de potencializar a produção industrial fez com fossem aplicados muitos capitais em pesquisas, de maneira que os produtos técnico-científicos fossem aplicados nos diversos ramos da indústria metalúrgica. Essa lógica produtiva organizada pelos investimentos de capitais também se aprofundaram na atualidade de maneira que tudo o que é novo é controlado pela dinâmica do capital.

Os símbolos da indústria capitalista estão presentes em todo o universo criado por Chaplin: o relógio indicando a hora dos trabalhadores marcarem seus cartões de ponto, as multidões que lotam os pátios da indústria fordista, a esteira de produção que caracteriza esse processo de acumulação, as lojas de departamentos que exibem inúmeros produtos cujo valor de troca se sobrepõe ao valor de uso, as gigantescas máquinas que se impõem aos homens transformados em seu apêndice.

Fiel à tradição marxiana, Del Roio nos lembra que na constituição do ser social é fundamental a atividade do trabalho pois é produtora de

valores de uso, e, além disso, são as funções vitais da reprodução social e individual que determinam as mediações (de primeira ordem) pelas quais o trabalho se realiza. Assim “a subordinação do valor de uso ao valor de troca concomitante à emergência do capital como forma de relação social de reprodução implicou o desenvolvimento de mediações de segunda ordem, expressas na separação e alienação entre o trabalhador e os meios de produção, com a subordinação do trabalho aos imperativos expansionistas do capital” (DEL ROIO; SILVA, 2003)

A respeito dessas transformações ocorridas nos Estados Unidos Gramsci considerou que “... o americanismo e fordismo resultam da necessidade imanente de chegar à organização de uma economia programática”. As potencialidades de organização e racionalização da produção implementada por Ford atraem o interesse de Gramsci que se indagou: quais as características deste processo nos EUA e quais as possibilidades desta economia programática ser implantada na Itália, apesar de sua particularidade histórica?

Ao analisar a possibilidade de introdução desse modelo produtivo na Europa, Gramsci conclui que o fracasso dessa transposição reside na complexidade da história européia cujas classes consideradas “parasitárias” devido aos sedimentos de “tradição”, produziram uma espécie de “fossilização do pessoal estatal, dos intelectuais, do clero, da propriedade fundiária, do comércio de rapina e do exército”, verdadeiros pensionistas da história econômica.

Como a América não teve tradição histórica e cultural, se comparada à velha Europa, não foi sufocada pela camada parasitária de nobres ou ainda pela plutocracia que na América se vincula ao capital industrial. Alí a indústria moderna encontrou base sadia para seu desenvolvimento industrial e comercial.

Assim, devido a condições históricas favoráveis os Estados Unidos estão na vanguarda desse processo de racionalização da produção, e o trabalho habilmente combinado de força (destruição do sindicalismo operário de base territorial) com a persuasão dos altos

salários, diversos benefícios sociais, propaganda ideológica e política, conseguiram centrar toda a vida do país na produção. Segundo Gramsci,

Na América, a racionalização determinou a necessidade de elaborar um novo tipo humano, adequado ao novo tipo de trabalho e de processo produtivo: esta elaboração está até agora na fase inicial e, por isso, (aparentemente) idílica. É ainda a fase de adaptação psicofísica à nova estrutura industrial, buscada através dos altos salários; ainda não se verificou (antes da crise de 29), salvo talvez de modo esporádico, nenhum florescimento “superestrutural”, ou seja, ainda não foi posta a questão fundamental da hegemonia. (GRAMSCI, 2001, p.248).

Como está posto em forma de denúncia no filme de Chaplin, Gramsci pondera que apesar de progressista, a racionalização da produção não é algo forjado sem conseqüências fundamentais, visto que existe todo um processo de manipulação e convencimento das “forças subalternas” para que estas sejam submetidas às novas metas de racionalização da produção capitalista.

Nesse sentido, *Tempos Modernos* é um clássico por nos mostrar nuances do processo de modernização industrial passando pela família burguesa e seus papéis sociais definidos para o homem e para a mulher, cujos instintos sexuais deveriam ser também racionalizados.

Para forjar esse novo tipo de trabalhador adequado a indústria fordista, foram criados diversos tipos de leis proibicionistas como, por exemplo, as conhecidas leis contra o consumo de álcool e as punições contra todo tipo de conduta social que fosse considerada “vadiagem”. Carlitos e seus companheiros desempregados são impulsionados a todo tipo de “rebeldia”, como nas cenas em que eles tomam vinho e experimentam produtos clandestinamente na loja de departamentos.

Daí por diante, qualquer atitude que contrarie o ritmo da esteira de produção será entendida como sinal de vadiagem, como quando vemos Chaplin ser advertido no banheiro por seu patrão “*Big-Brother*” isto é,

através de telas de TV que a tudo vigiam. Estas cenas indicam o caráter visionário do filme, a aliança entre Estado e controle empresarial através de todo tipo de aparato comunicacional.

Segundo Gramsci a indústria de Henri Ford foi a forma moderníssima de produção e de modo de trabalhar, tanto que a introdução do modelo fordista de produção encontrou resistências “intelectuais” e “morais” devido sua forma peculiarmente brutal e insidiosa de coagir os trabalhadores.

Tal brutalidade é expressa no surto nervoso sofrido pelo personagem de Chaplin quando este não se ajusta ao ritmo cada vez mais intenso da esteira de produção, ou quando ele é sugado pelas engrenagens da máquina cuja grandiosidade nos é apresentada em tomadas fílmicas de cima para baixo. O pobre trabalhador que não se adapta psicofisicamente aos ditames da produção vive a mercê de seu patrão. O arrogante dono da Electro Steel Corp que quando não está brincando de montar quebra-cabeças está dando ordens e vigiando a produção.

Mesmo o dono da indústria não está seguro de seu lugar nas engrenagens do sistema visto que aparece tomando algum tipo de medicamento (talvez calmantes) antes de ler um jornal, cuja história da contra-capa nos mostra o conhecido herói das selvas Tarzan, que pode representar o caráter selvagem do sistema capitalista. As incertezas do patrão se consolidam com o posterior fechamento da fábrica.

Gramsci não pôde prever o que aconteceria após essas transformações no mundo do trabalho sob a égide do capitalismo, mas como nos aponta Del Roio (2005) o americanismo e o fordismo assumiram o caráter de “revolução passiva” ou saída conservadora devido as alterações produzidas nas relações de produção organizadas sobre novas bases e que por sua vez resultam na formação do “bloco histórico” sob a dinâmica do capital e suas contradições, ou seja, mantêm-se a hegemonia das classes dominantes.

Se como Gramsci apontou a “hegemonia nasce na fábrica” a fábrica fordista produziu a hegemonia da classe burguesa e esta

constituiu seu “Bloco Histórico” no Estado capitalista cujo americanismo foi transformado em traço cultural das massas subalternas. Como assinala Gramsci sobre o americanismo,

[...] ainda não foi posta a questão fundamental da hegemonia. [...]. A luta que se desenvolve na América (descrita por Philip) é ainda pelos direitos profissionais, contra a “liberdade industrial”, isto é, uma luta semelhante àquela que se travou na Europa no século XVIII, embora em outras condições o sindicato operário americano é mais a expressão corporativa dos direitos das profissões qualificadas do que outra coisa e, por isso, sua destruição, exigida pelos industriais, tem um aspecto “progressista”. A ausência da fase histórica europeia assinalada, também no campo econômico, pela Revolução Francesa deixou as massas populares americanas em estado bruto: a isso cabe acrescentar a ausência de homogeneidade nacional, a mistura das culturas-raças, a questão dos negros. GRAMSCI, 2001, p.248.

O contingente de reserva de trabalho fica perigosamente incluído neste processo e diversos operários representados em *Tempos Modernos* por Chaplin pensam que saídas individuais e românticas, seja pela alienação da religião ou por outras formas de má consciência, podem ser suficientes para contornar a situação de miséria imposta pela contradição inerente. Conforme a ideologia do Estado liberal não lhe cabe assumir funções de proteção aos seus membros, pois o poder de inserção no sistema fica a cargo das empresas capitalistas.

Nas cenas finais do filme a garota decide seguir Chaplin, mas após os primeiros passos ela se afasta e para; lamentando-se. Assim todos veremos que adiante Chaplin estará sozinho novamente; triste sina para o operário que não se mobilizar em prol da constituição de uma nova hegemonia visando a formação de um novo “bloco histórico” sem contradições, ou seja, um Estado comunista.

Com isto, observamos que aquilo que Chaplin denuncia, ou seja, a exploração dos trabalhadores, Gramsci problematiza e aponta práticas de

transformação social através dos conselhos de fábrica, de disputas por hegemonia e por fim na constituição de um novo bloco histórico.

Longe de ser a postura de Chaplin no filme, pois a este cabe o mérito da denúncia num período em que os Estados Unidos se esforçavam para disseminar uma forma de organização que parecesse “superior” ao comunismo russo, nosso narrador social, que representa o homem e seu tempo, ou a mentalidade de seu tempo, nos revela um olhar no passado na tentativa de voltar atrás e negar essas transformações que ocorrem com grande velocidade. Se Gramsci buscou captar as transformações e contradições de seu tempo, o filme *Tempos Modernos* olha com saudade para o passado, para o cinema sem som, para o trabalho artesanal, para a organização da vida que não fosse mediada pelos modelos fabris de trabalho.

Embora no filme o gesto físico dos personagens, com exceção de Chaplin, tenha se conformado ao modo de produção, a mente dos trabalhadores continua livre para levá-lo a pensamentos pouco conformistas e quiçá a organização da uma “guerra de posição”.

Bibliografia Consultada

CONY, C.H. (org.) **Chaplin: ensaio-antologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Americanismo e fordismo- 1934. (Cad.22) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JAMESON, Fredric. **As sementes do tempo**. São Paulo: Ática, 1997.

LIGUORI, Guido. O pensamento de Gramsci na época da mundialização. In: **Revista Novos Rumos**, Ano 15, N32. 2000.

ROIO DEL, M. **Os prismas de Gramsci: a fórmula política da frente única (1919-1926)**. São Paulo: Xamã, 2005.

ROIO, DEL, M; SILVA, E. da Cruz. A crise do mundo do trabalho e a atualidade de Gramsci. In: **Revista Novos Rumos**. Ano 18. N°38. São Paulo: 2003.